

A RESPONSABILIDADE ÉTICO-SOCIAL DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

THE ETHICAL AND SOCIAL RESPONSIBILITY OF PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN INFORMATION SCIENCE

Mirian de Albuquerque Aquino¹
Alba Lúcia de Almeida Silva²



Vol.10 Número 20

jul./dez .2015

p. 721 - 728

RESUMO: Nesses últimos anos, a “responsabilidade social” aparece como um assunto cada vez mais presente nas instituições públicas, privadas e federais. Porém, torna-se um assunto polêmico, pois muitas vezes o termo vem associado à ideia pura e simples de filantropia, caridade ou à boa vontade dos homens de negócios frente às mazelas das diferenças sociais e culturais. Desse modo, o compromisso social de universidades públicas é o de lutar em prol dos grupos sociais etnicamente vulneráveis, mostrando-se como uma categoria representada com base no princípio ético do fazer universitário. O estudo analisa a produção de conhecimento sobre negros, armazenada na memória da ciência da Universidade Federal da Paraíba, com ênfase no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação dessa Instituição. Os resultados apontam que este Programa possui uma produção de conhecimento discreta no que se refere à temática étnico-racial. Contudo, algumas iniciativas precisam ser tomadas no sentido de dar visibilidade aos negros na produção de conhecimento que constitui a memória da ciência da UFPB. Para tanto, sugere-se o desenvolvimento de ações de informação por meio de realização de pesquisas que visem favorecer a produção de conhecimento e fazer avançar as reflexões sobre os grupos sociais etnicamente vulneráveis e que historicamente convivem em condições desiguais. Revelando a (in)visibilidade de lugares que ainda ocupam na memória da ciência das instituições de ensino superior e a função das relações de forças que circulam nas universidades.

PALAVRAS-CHAVE: Responsabilidade Social. Responsabilidade ético-social. Produção de Conhecimento. Negros.

ABSTRACT: In recent years, “social responsibility” appears as an increasingly present subject in the public, private, and federal institutions. However, it becomes a polemic subject, because the term is often associated to the pure and simple idea of philanthropy, charity, or good will of business men against the ailments of social and cultural differences. In this way, the social

¹ Pós-Doutorado na Universidade de Barcelona (UB/Es). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGI) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). mirianbu@gmail.com.

² Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Gestão de Unidades de Informação e Graduada em Biblioteconomia, ambos pela UFPB. Professora efetiva no Departamento de Ciência da Informação da UFPB. albasilva@gmail.com.

commitment of the public universities is to fight for the ethnically vulnerable social groups, showing itself as a represented category based on the ethical principle of the university services. The study examines the production of knowledge on blacks, stored in the science memory of the Federal University of Paraiba, focusing on the Graduate Program in Information Science of that Institution. The results show that this Program has a modest knowledge production concerning the ethno-racial issue. Nevertheless, some efforts need to be taken in order to give visibility to blacks in the production of knowledge that constitutes the science memory of UFPB. For that purpose, it is suggested the development of information actions by conducting researches designed to support the knowledge production, and advance the reflections on the ethnically vulnerable social groups that historically live in unequal conditions. Revealing the (in)visibility of the positions they still occupy in the science memory of the higher education institutions and the roles of the power relations circulating in the universities.

KEYWORDS: Social responsibility. Ethical and social responsibility. Knowledge production. Blacks.

Introdução

A produção de conhecimento é capaz de refletir sobre a problemática de diferentes grupos sociais nas universidades públicas, mas questionamos a displicência de algumas áreas de conhecimento sobre a exclusão de indivíduos marginalizados, sobretudo, os negros que vivem situações adversas na sociedade da informação, conhecimento e aprendizagem. Daí a necessidade de conscientizar pesquisadores sobre a busca da qualidade de vida humana, a fim de que concentrem sua produção de conhecimento nas novas dimensões da responsabilidade ético-social, repensar o conhecimento já produzido e reconstruir coerentemente a memória da ancestralidade negra que ainda hoje tem sido equivocada.

Diversas concepções contribuem para a perda da sensibilidade de investigação dos temas de interesse da população negra. Há pesquisadores que fazem suas escolhas baseadas na concepção universalista da ciência, sem ter qualquer preocupação com a representação de negros na produção de conhecimento, os quais, segundo estatísticas recentes, ainda são majoritários na falta de acesso aos bens materiais, educacionais, culturais e informacionais, além de serem vítimas do preconceito, discriminação e racismo. Exige-se uma produção de conhecimento que possa ajudar a desmistificar o discurso que insiste em afirmar que negros e brancos vivem harmoniosamente, reproduzindo uma ideologia que dificulta a emergência de uma visão mais crítica sobre as relações étnico-raciais.

A ausência da responsabilidade ético-social sobre a representação de negros na produção de conhecimento, mesmo com as políticas de ações afirmativas nas universidades públicas, ainda prevalece a discriminação racial. Nesse sentido, Munanga (2007) afirma que "esta falta de consideração da discriminação racial como uma das variáveis na discussão das cotas se constitui como complicadora [...] porque não é considerada como política para corrigir e reduzir as desigualdades acumuladas ao longo dos séculos" (MUNANGA, 2007, p. 7).

No contexto da globalização, da revolução das tecnologias da informação e comunicação, das novas formas de se produzir ciência e dos múltiplos formatos de aprendizagens, multiculturalismo e diversidade cultural, o preconceito, a discriminação e o racismo ainda estão visíveis na produção de conhecimento. As concepções científicas sobre raça utilizadas por diversos pesquisadores guardam resquícios de um saber que demonstra a superioridade da raça branca sobre outras raças (WIEVIORKA, 2007). Este autor afirma que "o racismo científico propõe uma pretensa demonstração da existência de 'raças"

(WIEVIORKA, 2007, p.21), cujas características biológicas corresponderiam às capacidades psicológicas e intelectuais coletivas e válidas para cada indivíduo.

A ciência sem consciência perpetua o racismo nas universidades e mantém os negros em situação de inferioridade por meio de mecanismos de exclusão não percebidos socialmente. Sendo assim, os pesquisadores precisam repensar e renovar suas análises para fazer uma ciência com consciência da existência do racismo. É importante que os pesquisadores tenham consciência da responsabilidade ético-social com vistas ao avanço de uma ciência capaz de contribuir para uma sociedade menos preconceituosa, discriminatória e racista.

Embora Wieviorka (2007) afirme que “as ciências sociais não estão em posição de exterioridade em relação aos objetos que eles estudam, e os pesquisadores, docentes, estudantes que pretendem produzir, difundir e se apropriar de conhecimentos relativos ao racismo não lhe são jamais indiferentes” (WIEVIORKA, 2007, p.9), percebemos que nem todos pesquisadores se interessam por uma produção de conhecimento que afeta os negros na sociedade brasileira.

Os temas de interesse de negros sempre evoluíram com muita dificuldade em todas as áreas de pesquisas e seus diversos enfoques teóricos-metodológicos. E muitas vezes, certos pesquisadores e orientadores desconhecem que o compromisso social de universidades públicas é o de lutar em prol dos grupos sociais marginalizados. Analisando essa questão, Cunha Júnior (2003) revela que pesquisadores da área de ciências humanas não investigavam temas de interesse da população negra por não considerar os temas de interesse dessa população como universais, mas os vêem como externos à pesquisa acadêmica.

O autor afirma que o universalismo introduzido e compreendido no Brasil deu margem a expansão eurocêntrica da produção de conhecimento e encobriu preconceitos, discriminações e racismos. Além disso, a rejeição da temática de interesse dos negros deu-se por meio de um mecanismo utilizado para privilegiar os enfoques das lutas de classes e fomentar as análises na esfera da universalidade do conhecimento demarcada pelo capital. Cunha Júnior explicita que vários analistas marxistas negam a hipótese de que o trabalho e o capital histórico no Brasil são de natureza étnica e que as lutas de classe no país têm um imenso trabalho histórico de negros subordinados às regras centradas nas origens do sistema capitalista brasileiro fundado no escravismo criminoso. Sendo assim, a impertinência dessas análises distanciam-se da responsabilidade ético-social na produção de conhecimento.

Produzir conhecimento é ter (cons) ciência da responsabilidade ético-social da informação

A origem da palavra informação provém do latim *informatio*, tendo seu contexto alterado com as mudanças de paradigmas na Idade Média que era vista como “dar uma forma à matéria”. Na Modernidade, a palavra informação passa a ser entendida como “comunicar alguma coisa a alguém”. Com o surgimento da teoria da informação, o conceito de informação deixa de ser um conceito abstrato (CAPURRO; HJORLAND, 2007). Essa informação de que falamos tem como base a ideia de construção do conhecimento através do incremento de novas informações já existente e relacionada ao “estado anômalo do conhecimento” (BELKIN, 1999). Esse processo provoca novos conhecimentos.

De modo geral, a informação é entendida como um instrumento transformador da consciência do indivíduo e a mais poderosa força de transformação dos indivíduos que aumenta cada vez mais a sua capacidade ilimitada de transformá-los culturalmente a sociedade e a própria humanidade como um todo (CASTELLS, 1999).

Para Capurro (2003), a informação é vista como uma ação dos indivíduos no mundo e junto a outros homens. Nesse caso, a informação significaria a articulação de uma compreensão *a priori* de um mundo comum compartilhado, uma dimensão existencial de nosso ser no mundo junto com os outros. Dentro desse mundo compartilhado, a ciência é entendida como uma atividade intrínseca, histórica, sociológica e eticamente complexa. Ela é pouco reconhecida por grupos não-especializados porque muitas vezes alguns pesquisadores se fecham em ambientes de pesquisa e produzem um conhecimento que se fundamenta nos modelos clássicos de pensamento.

Expandindo essa compreensão da informação, Gonzalez de Gómez (1999) traz o conceito de informação social que nos permite pensar a problemática étnico-racial. Esta autora entende que a informação acontece nos sujeitos humanos como um movimento de uma base de conhecimento a outra base de conhecimentos e “requer um trabalho, uma mutação, um processamento para devir informação e conhecimento [...]” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999). Portanto, a informação é construída e ligada à cultura histórica a que o indivíduo pertence.

O modo de pensar a informação destitui a ideia de que é possível falar de uma informação em si mesma e sendo a informação um operador de relação sempre acontece num contexto relacional, respondendo a uma dupla determinação: enquanto informa, remete a um universo discursivo ou formação discursiva, enquanto informação se vincula as outras informações ou interdiscursos co-produtores de universos de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999). Essa operação “em que as regras e as condições de produção estabelecem o domínio da contextualização dentro do qual a informação informa e se relaciona com outras informações, de uma maneira significativa” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p. 12) é “meta-informação”.

Partindo do pressuposto que a socialização da informação na Ciência da Informação “remete à construção, tratamento e divulgação da informação em regime de cooperação, parceria e solidariedade” (LOUREIRO, 2002, p. 2.) é possível incluir a necessidade constante da informação e do conhecimento à sociedade como instrumentos modificadores de suas estruturas e relações desiguais no que se refere a produção de conhecimento. Esse autor afirma que “estimulando a relação dialógica dos sujeitos e dos contextos socioculturais diversificados, a socialização da informação articula-se como alternativa à elitização da ciência e estimula a relação desta, enquanto cultura, com a sociedade em seu todo [...]”. (LOUREIRO, 2002, p. 2).

O significado político, social e cultural da produção de conhecimento reveste-se de uma atividade humana, socialmente condicionada e datada por uma história e tradições, a qual muitas vezes é camuflada nas representações das comunidades científicas, nas bancas de defesas de dissertações e teses, nos artigos de divulgação e nas prateleiras das bibliotecas, distanciado do acesso pelo público mais amplo.

Comunicar o conhecimento é responsabilidade ético-social das universidades públicas

Até meados do século XVII, a comunicação científica era restrita entre os pesquisadores e as publicações esporádicas nos panfletos e livros, não havendo um centro que se responsabilizasse pela disseminação dessas publicações. Com isso, muitos trabalhos deixavam de ser conhecidos por outros cientistas. Mas para solucionar tal problema, as Academias Nacionais passa a assumir um papel importantíssimo na disseminação da literatura científica em razão de seu caráter de publicação regular, pois proporciona divulgação rápida e garantia dos resultados de um número maior de pesquisas (ZIMAN, 1968). Se tomadas separadamente não teriam grande significação, mas reunidas umas às

outras são capazes de estimular novos trabalhos e promover avanços científicos. Portanto, comunicar o conhecimento produzido nas universidades públicas é missão dos pesquisadores para a compreensão da complexidade que envolve a sociedade contemporânea.

Devido ao crescimento da ciência, o número de cientistas, literatura científica e comunicação científica tornaram cada vez mais dependente das funções de recuperação de informação. Sobre essa questão, Mueller (1995) ressalta que o grande problema é simplesmente o enorme aumento de volume da literatura científica e técnica, mais conhecido como explosão bibliográfica ou explosão da informação.

Os sistemas de recuperação de informação possibilitaram a rapidez das publicações de resumos e revisões e os comunicados de alerta ao longo dos últimos anos. Sobre essa questão Mueller (1995) afirma que a situação tem melhorado por causa não só da pressão para mais publicações, mas também pelo impulso dado pelas tecnologias da informação e comunicação cuja dinâmica facilitou ainda mais as possibilidades de disseminação de informações. Na visão de Meadows (1974) o crescimento acelerado, a explosão bibliográfica, o crescimento da ciência e a comunicação científica ocorreram de forma relativamente ordenada e motivada pelas orientações necessárias ao fazer científico e as formas adequadas de comunicação entre seus membros.

Para Garvey (1979) a comunicação científica é uma troca de informações entre membros da comunidade científica que inclui atividades associadas à produção, à disseminação e ao uso da informação, indo desde o momento em que o cientista concebe a ideia de realização da pesquisa até o momento em que os resultados da pesquisa são aceitos como constituintes do conhecimento científico. A comunicação científica tem como principal função dar continuidade ao conhecimento científico, já que possibilita a disseminação desse conhecimento a outros cientistas que podem desenvolver outras pesquisas para corroborar ou refutar os resultados de pesquisas anteriores ou estabelecer novas perspectivas naquele campo de interesse. Ela também é capaz de definir e legitimar novas disciplinas e campos de estudos, institucionalizando o conhecimento e rompendo suas fronteiras.

Por meio da comunicação científica, os membros da comunidade mantêm-se informados sobre as tendências da área, os estudos já realizados e seus resultados. A partir da crítica e das citações de outros autores em determinado trabalho científico, os pesquisadores têm maiores condições de verificar a confiabilidade das informações nele contidas. O ato de publicar, por exemplo, assume ainda outras funções, como estabelecer prioridade da descoberta científica, reconhecer e promover o cientista de acordo com a qualidade e importância de suas descobertas, e como prova definitiva de efetiva atividade em pesquisa científica.

Na literatura sobre a comunicação científica é comum, apesar de não ser unânime, encontrar dois tipos complementares de comunicação: comunicação formal e comunicação informal. Em seu livro *Communication in Science*, Meadows (1974) traça paralelos entre essas duas abordagens, enfocando aspectos mais característicos de um ou outro tipo de comunicação. De acordo com o autor, enquanto a comunicação formal é direcionada a um público potencialmente grande, mas proporcionando pouca interação entre esse público e o pesquisador.

A comunicação informal apresenta um público mais restrito, porém com maior capacidade de *feedback* ao pesquisador. Na comunicação formal, a informação normalmente é mais antiga, podendo ser armazenada permanentemente e recuperada. A comunicação informal é mais atual, mais redundante e, em geral, não pode ser armazenada ou recuperada. Os instrumentos formais de comunicação científica caracterizam-se pela linguagem escrita, sendo os periódicos, livros, teses, dissertações e anais de reuniões

científicas os meios mais utilizados.

Vale lembrar que existem outros meios formais (escritos) voltados para a divulgação da ciência, tais como as informações escritas veiculadas em redes eletrônicas públicas, revistas de popularização da ciência, artigos de jornal em seções especializadas, entre outros. A diferença entre esses dois conceitos de difusão da ciência é que a divulgação está ligada à popularização da ciência.

Daí a importância de revisitarmos o que os pesquisadores produzem acerca do fenômeno a que se propõe a investigar, adentrando a sua produção de conhecimento. Nas fontes de informação, selecionadas, encontramos vários autores que ressaltam a importância de se debruçar profundamente sobre a problemática étnico-racial, objetivando compreender a complexidade que a envolve na sociedade contemporânea e as suas implicações para a memória da ciência em instituições públicas, as quais vêm sendo pressionadas pelas transformações sociais para tornar a cultura científica mais abrangente, inclusiva e popularizada (CUNHA JÚNIOR, 2003); (MUNANGA, 2007); (AQUINO, 2006).

Em sua trajetória de produção de conhecimento, a Ciência da Informação revela um olhar menos preocupado com a compreensão de sua prática social do que com a facilidade de comunicação do indivíduo-sistema nos processos de produção, transferência e uso das informações. Conseqüentemente, essa área ainda não se conectou incisivamente aos processos sociais mais amplos, os quais estão relacionados ao “crescimento urbano e comercial, diferenciação de grupos e etnias, especialização do trabalho e perda de emprego, inovações tecnológicas, acesso educacional, bem-estar social e entretenimento no quadro da sociedade contemporânea” (SORJ, 2003).

Nessa mesma linha de pensamento, Marteleto (2001, p. 3) afirma que “a falta de informações corretas dificulta às pessoas o acesso à realidade [...] e que a retenção das informações pelas fontes geradoras – cientistas, instituições, mídia etc., impede a partilha democrática do saber.” Sendo assim, os pesquisadores poderiam atuar de forma propositiva e disseminar informações com vistas a provocar uma transformação na composição do corpo docente, desenvolver ações de informação estratégicas e promover estudos e pesquisas sobre a temática étnico-racial nas instituições de ensino.

Brookes (1980) afirma que a informação acontece nos sujeitos humanos como movimento que se desloca de um estado de conhecimento para outro estado de conhecimento e esse novo estado de conhecimento pode mudar a forma de se fazer ciência. O pensamento de González de Gómez (2002, p. 32) que também compreende a informação como uma “dimensão das práticas e interações dos indivíduos, situados no mundo junto com outros indivíduos”, possibilita-nos pensar a produção de conhecimento na Ciência da Informação focando diferentes grupos sociais e temas diferentes como objetos de pesquisa. Portanto, a interface dos fenômenos com diferentes dimensões, segundo a autora, aponta para a informação social como uma forma de se considerar os diferentes grupos sociais na produção de conhecimento. Porém, a autora não especifica nenhum desses grupos como passíveis de olhar investigativo nas pesquisas nessa área.

A produção de conhecimento em Ciência da Informação é desafiada pelas mutações socioculturais do “novo modo de desenvolvimento” (CASTELLS, 1999), pois exige uma ciência que considere o encadeamento das dimensões históricas, culturais, econômicas, tecnológicas, sociais e políticas como pré-condições para o entendimento dos fenômenos sociais e surgimento de novos sujeitos na produção de conhecimento.

De certa forma, a produção de conhecimento sobre a temática étnico-racial é um tema conhecido para estudiosos da área de Ciência da Informação, mas se constitui um desafio para o pesquisador desse campo científico, quando alguns pesquisadores articulam informação e temática étnico-racial, pois que os estudos e as pesquisas desenvolvidas a partir desse enfoque ainda não estão consolidadas, não obstante as preocupações dessa área com a

inclusão social. Assim sendo, é importante não só problematizar o tema, mas investigar a insuficiência dessa produção na memória da ciência.

A produção de conhecimento sobre a temática étnico-racial nos programas de pós-graduação na Ciência da Informação no Brasil produz uma abertura para apreensão de novas abordagens nas pesquisas da área. Essa ideia parece ser compartilhada por Marteleto (2002, p. 102) quando esta autora coloca: “a relevância interdisciplinar das teorias sociais na compreensão das questões práticas e teóricas da informação”. Ela sublinha que “informação não é processo, matéria ou entidade separada das práticas e representações de sujeitos vivendo e interagindo na sociedade, e inseridos em determinados espaços e contextos culturais”.

Na tentativa de contribuir com o desenvolvimento de pesquisas e estudos na Ciência da Informação, a temática étnico-racial está disponível nos relatórios, nos artigos e nas comunicações em eventos. Essa produção científica reflete também nas monografias e nas dissertações que discutem a responsabilidade ético-social dos profissionais da informação com foco nessa temática, fazendo vinculações com a Ciência da Informação.

Considerações finais

As universidades públicas tem o dever de orientar a formação do aluno visando à promoção do desenvolvimento justo e sustentável, criando, assim, um novo perfil do aprendente universitário preocupado com as injustiças sociais e o compromisso com ações concretas. Essas características contribuem para que essas universidades incluam os cidadãos (indígenas, ciganos, judeus, deficientes, mulheres, idosos, homossexuais, entre outros), reintegrando o conhecimento como solução dos problemas étnico-raciais.

É certo que a exclusão de diversos grupos sociais como sujeitos na produção de conhecimento mostra que o racismo está impregnado nas universidades. O melhor entendimento do racismo no cotidiano da produção de conhecimento “é condição *sine qua non* para arquitetar um novo projeto de [ciência] que possibilite a inserção social igualitária e destravar o potencial intelectual, embotado pelo racismo, independente de cor/raça/gênero/renda, entre outras distinções” (CAVALLEIRO, 2005, p. 11).

É importante ressaltar a responsabilidade ético-social da Ciência da Informação e sua solidificação como uma alternativa para mudanças de concepções sobre sua produção de conhecimento e dissociar das práticas universalistas para revisão das posturas e modelos já estabelecidos e absorver as novas teorias que contemplam a temática étnico-racial. Isso significa ter responsabilidade ético-social na sua produção de conhecimento e que vise contribuir para a melhoria do Estado, Universidade e Sociedade. É dever dos pesquisadores de universidades públicas buscarem soluções para reduzir preconceitos, discriminações e racismos por meio de um trabalho científico sério na comunidade acadêmica visto que é função dessas instituições transmitir um saber colaborativo e formador de mentes mais abertas, flexíveis e críticas. É responsabilidade ético-social das universidades públicas contribuir para a redução das desigualdades raciais, formar profissionais competentes para atender às exigências do mundo globalizado, responderem às mudanças provocadas pelos avanços da ciência e da tecnologia e contribuir para a disseminação do conhecimento produzido em sua instituição.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Mirian de A. **Informação e diversidade: a imagem do afrodescendente no discurso da inclusão social/racial**. 2006. 120 f. Relatório (Pesquisa) – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas,

- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006.
- BELKIN, Nicholas J. Anomalous states of knowledges as a basis for information retrieval. *Canadian Journal of Information Science*, v. 5, 1980. p. 133-140.
- BROOKES, B. C. The foundations of information science: philosophical aspects. *Journal of Information Science*, v.2, 1980. p. 125-133.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2007. p. 148-207.
- CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. The concept of information. **Annual Review of Information Science & Technology**, v.37, 2003. p.343-411.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Metodologia afrodescendente de pesquisa**. Texto de trabalho na disciplina "Etnia, Gênero e educação na perspectiva dos afrodescendentes", Fortaleza (CE), 2003.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**, João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2002.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Da Política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, Abr. 1999. p.67-93.
- GARVEY, W. D. **Communication**: the essence of science facilitating information among librarians, scientists, engineers and students. Oxford: Pergamon Press, 1979.
- LOUREIRO, José matheus. Socializando a informação: nadando contra corrente. **Informação & Sociedade**. Estudos, Univ. Federal da Paraíba, v. 12, 2002. p. 81-93.
- MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informacional pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, n. 1, v. 24, 1985. p. 89-03.
- MARTELETO, Regina. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Informação e sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 11, n. 1, 2001.
- MEADOWS, A. J. **Communication in science**. London: Butterworth, 1974.
- MUELLER, Suzana. O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v.24, n. 1, jan./jun. 1995. p.63-84.
- MUNANGA, K; GOMES, N. L. Considerações sobre as políticas afirmativas no ensino superior. In.: PACHECO, Jairo Queiroz; Silva, Maria Nilza da. **O negro na universidade: o direito à inclusão**. Brasília: Fundação Palmares, 2007.
- SANTANA, Vanessa Alves. **A responsabilidade ético-social dos profissionais da informação e a inclusão dos afrodescendentes na Universidade Federal da Paraíba**, 2008. Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2008.
- SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Zahar; DF: UNESCO, 2003.
- WIEVIORKA, Michel. **Introdução ao racismo**: São Paulo:Perspectiva, 2007.
- ZIMAN, J. Public **knowledge**: the social dimension of science. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

Recebido em: 05/06/2014

Aprovado para publicação em: 03/08/2015